

JAIKUAA POTA NHANDÉ REKOA REGUA
(Nós conhecemos os lugares onde vivemos nosso modo de ser)



Ko'ẽju (alvorecer)

Etnomapeamento do Tekoa Ko'ẽju: TI Inhacapetum e áreas de matas de ocupação tradicional guarani - Município de São Miguel das Missões, RS.

Projeto gestão ambiental e territorial em terras indígenas do povo guarani no Sul e no Sudeste do Brasil

Equipe CTI: Maria Inês Ladeira, Eliza Castilla, Rodrigo Cossio

Realização:



Março de 2017

1. Acerca da concepção de etnomapeamento

Conforme definição da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas – PNGATI*, etnomapeamento “é o mapeamento participativo das áreas de relevância ambiental, sociocultural e produtiva para os povos indígenas, com base nos conhecimentos e saberes indígenas”.

Apesar de considerado apenas como uma primeira etapa do Plano de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas – PGTA¹, o etnomapeamento é de crucial importância, pois é no processo de sua construção que se promovem, no seio da comunidade, ações conjuntas para reunir - a partir das experiências de crianças, adultos mulheres e homens - percepções, expectativas, visões, ciências, bem como se socializam saberes e aprendizados relacionados às formas de usos das espécies naturais. O ideal seria, portanto, que essa forma de mapeamento, enquanto instrumento de conhecimento coletivo das potencialidades e fragilidades ambientais e fundiárias da terra em que vive e à qual pertence um povo ou comunidade, tivesse o suporte e o tempo necessário para se refinar e organizar os dados e informações segundo os critérios indígenas, o que muito contribuiria para qualificar tanto os procedimentos de identificação e delimitação de Terras Indígenas - TI, quanto os “etnozoneamentos”² que subsidiam os PGTA. Pois, é no exercício dessa atividade que a “proteção e fortalecimento dos saberes, práticas e conhecimentos dos povos indígenas e de seus sistemas de manejo e conservação dos recursos naturais”, entre outras diretrizes da PNGATI, tem seu ponto de partida.

Além de toda sua importância e significado, o etnomapeamento se configura também como uma ótima oportunidade para as comunidades indígenas se apropriarem dos meios e materiais técnicos utilizados na cartografia e proporem seus próprios modelos de mapear e conceber graficamente as áreas que contêm as espécies nativas que fazem parte de seu repertório medicinal, alimentar, material e simbólico, as próprias plantas e animais, os espaços de moradia e de roças, bem como os rios e as áreas que devem ser preservadas. E, ainda, observar e representar a conformação e as características da ocupação da população dominante nos entornos e imediações de suas terras. Nesse sentido, o processo de construção de mapas é extremamente rico, pois a transposição da experiência física e espacial de pertencimento ao lugar, incluindo o movimentar-se em sentido amplo e as práticas para sustentabilidade da vida em coletividade, para outras bases tecnológicas (não empíricas), implica num exercício criativo de uma nova leitura do espaço, com sentidos e desígnios que estimulam tanto o planejamento quanto a conservação ambiental.

Para elaboração de um PGTA prevalece o critério de que a Terra Indígena (TI) deve estar com os limites físicos reconhecidos pelo Governo Federal. Porém este não é o caso do Tekoa Ko’êju cujos procedimentos administrativos para identificação e delimitação da Terra, tradicionalmente ocupada pelo povo guarani desde o início da colonização, ainda não foram sequer iniciados. Nesse sentido, como atividade em si, o etnomapeamento das áreas reconhecidas e utilizadas pela comunidade revelou-se extremamente oportuna e significativa,

¹ Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas – PNGATI (BRASIL, 2012) BRASIL. Decreto N° 7.747 de 5 de junho de 2012. Institui a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas – PNGATI, e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União (DOU), 06 de jun., 2012.

² Etnozoneamento: instrumento de planejamento participativo que visa à categorização de áreas de relevância ambiental, sociocultural e produtiva para os povos indígenas, desenvolvido a partir do etnomapeamento. (BRASIL, 2012).

dado o contexto histórico e atual em que se insere esta TI, como veremos adiante. Nota-se que, nas TIs Guarani não delimitadas, o reconhecimento coletivo dos locais que compõem o *tekoa* (como os Guarani se referem aos lugares onde podem viver seus próprios princípios, costumes e modo de ser) reaviva, inevitavelmente, como foi possível observar ao empreender esta atividade no Tekoa Ko'ëju, expectativas e iniciativas de reivindicações de reconhecimento e demarcação das terras que ocupam, de acordo com seus direitos constitucionais.

2. Contexto histórico, fundiário e ambiental do Tekoa Ko'ëju e justificativa para realização do etnomapeamento

No ano 2.000 o governo estadual (gestão do governador Olívio Dutra) adquiriu uma propriedade particular de 236 ha “doando-a” para os Guarani que habitavam o Tekoa Ko'ëju, situada às margens do rio Inhacapetum, no município de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul - RS, sendo criada, então, a Reserva Indígena Inhacapetum. Segundo os moradores mais velhos o nome “verdadeiro” do rio era *Yakã Pytã* (rio vermelho), sendo o nome oficial uma corruptela do original dado pelos antepassados guarani. *Ko'ëju*, segundo tradução de moradores do *tekoa* significa alvorecer dourado, devido ao brilho do sol que surge iluminando o lugar.

Ko'ëju é o alvorecer. Quando o sol nasce, a iluminação é como se trouxesse, aquele bem amarelo, bem vermelhinho, por isso se diz Ko'ëju. Dai que o guarani quando levanta diz assim, quando vê o sol, diz assim: “*ayma apu'ãjuma nhe ovanga aguã jaguata aguã*”, diz que quando nasce o sol, traz uma saudade, uma saudade assim do pensamento longo, de uma coisa que nunca conseguiria, tomara que consiga um dia através de Nhanderu. Tem que ter esperança (Mariano Aguirre).



Yakã Pytã

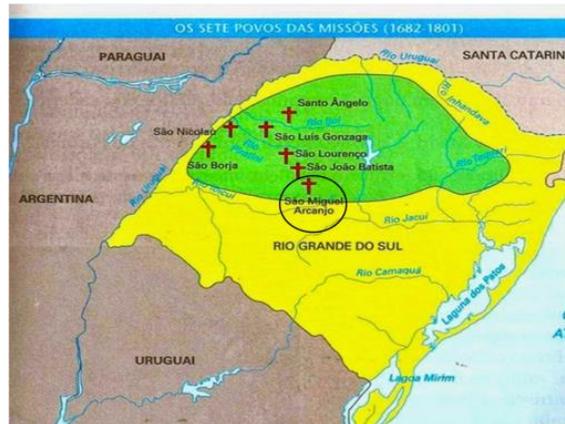
O Tekoa Ko'ëju situa-se à margem direita do rio Inhacapetum (*Yakã Pytã*), a uma distância de 18 km em linha reta, ou aproximadamente a 26 km pela estrada que dá acesso à da zona urbana do município de São Miguel das Missões.



Localização do Tekoa Ko'ëju e outros lugares importantes para os Guarani na região de São Miguel das Missões: as matas do rio Inhacapedum na Reserva Indígena e seu entorno; as matas do rio Piratini; os relevantes fragmentos florestais conhecidos por Esquina Ezequiel e Mata São Lourenço; a mata junto ao santuário do Caaró; e, o pequeno centro urbano onde se encontram as ruínas de São Miguel Arcanjo (*Tava*) e a Fonte Missioneira (*Ygua Porã*)

É em São Miguel das Missões, no Parque Arqueológico de São Miguel Arcanjo, antigo povoado de São Miguel Arcanjo, que se encontram as ruínas da Redução criada pelos jesuítas espanhóis da Cia de Jesus na bacia do Rio Piratini, afluente da Banda Oriental do Rio Uruguai. No século XVII foram fundadas 30 reduções, conhecidas como os “30 povos das Missões” (15 na Argentina, 8 no Paraguai e 7 no Brasil - RS), para conter a população indígena, principalmente guarani, nas regiões próximas às fronteiras dos atuais Estados nacionais - Brasil, Paraguai e Argentina.

Os Sete Povos das Missões, como ficaram conhecidas as Reduções jesuíticas no RS, foram fundadas somente no final do século XVII, depois de grande parte das Reduções já terem sido destruídas pelos bandeirantes. Uma das eventuais hipóteses para a sua construção tardia teria sido a tentativa da coroa espanhola de garantir para si a posse da região onde a ocupação portuguesa era crescente. A partir de 1682 foram fundadas ou refundadas as 7 reduções cujas histórias estão interligadas: São Francisco Borja (1682), São Nicolau, São Luiz Gonzaga e São Miguel Arcanjo (1687), São Lourenço Mártir (1690), São João Batista (1697) e Santo Ângelo Custódio (1707).



Localização dos Sete Povos das Missões no atual estado do Rio Grande do Sul. O círculo destaca a Tava de São Miguel Arcanjo

São Miguel das Missões é um dos principais pontos turísticos da região e parada obrigatória do percurso “Rota das Missões”, caminho histórico de 180 km, ligando os antigos povoados e envolvendo 46 municípios. O sítio arqueológico São Miguel Arcanjo é o mais visitado. Suas ruínas estão restauradas e protegidas pelo Parque Arqueológico de São Miguel Arcanjo que abriga o museu das missões e oferece outros atrativos, entre os quais o espetáculo Som e Luz, criado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul em 1978, que perdura com apresentações diárias. Nas cercanias, localiza-se a Fonte Missioneira, chamada pelos Guarani de Ygua Porã (bela, boa fonte de água). Outros sítios privilegiados nesta rota missioneira são São João Batista e São Lourenço Mártir onde se encontram vestígios das reduções, e o sítio de São Nicolau onde são feitas várias pesquisas arqueológicas.

Considerando que a pequena cidade de São Miguel das Missões, além do agronegócio, tem no turismo fonte de renda indispensável e que este turismo coloca os Guarani, especialmente os “históricos”, no centro das atrações, observa-se que, além dos etnônimos abundantes na região, o comércio em geral, a hotelaria e os restaurantes se automeiam com palavras da língua guarani. Acrescenta-se que sua publicidade é totalmente alusiva, embora não corretamente, à história, às palavras, às imagens e a mitos relacionados ao universo guarani. Ainda assim, embora estando presentes na região, as referências aos Guarani são sempre enquanto um “povo do passado”, mesmo quando são convidados para se apresentarem em algum evento ou quando vendem artesanato no Parque Arqueológico de São Miguel Arcanjo. Por outro lado, sendo sua história e presença fator de entrada de capital em São Miguel, de um modo geral, os Guarani não sofrem grandes discriminações por parte dos órgãos de governos locais e da população envolvente, ao contrário de outras regiões do país onde os índios são agredidos e tratados como empecilhos ao desenvolvimento econômico. São estabelecidas, com a comunidade, inclusive parcerias com Secretarias municipais e estaduais, embora poucos investimentos necessários estejam em vigor, tanto na questão ambiental, como em transporte.



Venda de artesanato no Parque



entrada no museu

Apesar das contradições no que diz respeito ao tratamento da questão, não há como negar a tradicionalidade da ocupação guarani na região. A partir de 2004, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN desencadeou uma série de pesquisas e ações envolvendo inicialmente os Guarani do RS, com ênfase na região missioneira onde se situa a comunidade de Ko'êju, mas envolvendo também as comunidades guarani da Terra Indígena Salto do Jacuí (Salto do Jacuí), da Terra Indígena Capivari (Palmares do Sul) e da Reserva *Guarani* Lomba do Pinheiro (Porto Alegre), instituindo o Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC / Comunidade Mbyá-Guarani em São Miguel Arcanjo. Tal iniciativa confluiu para o Projeto Valorização do Mundo Cultural Guarani Mbya, realizado em parceria com o Centro de Trabalho Indigenista - CTI e a Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento – AECID, entre os anos 2009 e 2011. A partir deste projeto uma série de pesquisas e atividades voltadas à salvaguarda do patrimônio cultural imaterial guarani, se estenderam em comunidades de diversas regiões, tendo Ko'êju sediado algumas delas.

Em 2007 o IPHAN inicia o processo de Registro da *Tava*, especificamente, das Ruínas do antigo Povoado de São Miguel Arcanjo, como “lugar de referência cultural para o povo Guarani como patrimônio cultural do Brasil” pois, segundo os estudos, “trata-se do local onde viveram seus antepassados que construíram estruturas em pedra, nas quais deixaram suas marcas, ou melhor, parte de suas corporalidades; onde são lembradas as belas palavras do demiurgo (...)”. Concluído o relatório, o parecer final do conselho consultivo do IPHAN, datado de dezembro de 2014, recomenda com veemência a inscrição da *Tava* no livro de registros “como um reconhecimento devido ao povo guarani e para que possamos, todos ouvir suas belas palavras e refletir sobre a importância da variedade da experiência humana”.

A despeito desses instrumentos legais da política de salvaguarda do patrimônio imaterial, da farta literatura histórica e etnológica sobre os Guarani e dos conhecimentos e práticas tradicionais que demonstram o elo histórico consolidado com a região, os Guarani ainda não tiveram reconhecidos seus direitos territoriais sobre as áreas que tradicionalmente ocupam em São Miguel das Missões e adjacências.



Tava

Embora as Reservas Indígenas (terras doadas, desapropriadas ou adquiridas) se enquadrem na categoria jurídica de Terra Indígena, como a Reserva de Inhacapetum, não são consideradas terras tradicionalmente ocupadas, nos termos da Constituição Federal do Brasil – CF (art. 231) que reconhece “aos índios (...) os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las e protegê-las (...)”. Apesar do empenho da comunidade no plantio de espécies nativas, para recuperar as áreas degradadas da antiga fazenda que lhes foi destinada, os 230 hectares da Reserva Indígena de Inhacapetum não são suficientes para a preservação dos recursos ambientais necessários ao bem-estar e à reprodução física e cultural da comunidade indígena segundo seus usos, costumes e tradições, conforme sustentado na CF.

Todavia, os Guarani vêm reivindicando à Funai, desde 1996 e a partir de 2007 representados pela Comissão Guarani Yvyrupa - CGY e demais parceiros, os procedimentos demarcatórios da Terra Indígena como tradicionalmente ocupada, de forma a incluir as áreas de mata que lhes são vitais, situadas fora dos limites da atual Reserva Inhacapetum, onde se situa o Tekoa Ko’ẽju. Expediente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, de janeiro de 2008, encaminha ao IPHAN e à FUNAI, a pedido destas Instituições e de representantes guarani reunidos em São Miguel no II Seminário Patrimônio Cultural e Povos indígenas, um informe e proposta de delimitação para tramitação do processo de regularização fundiária de área da floresta “Mata São Lourenço” como Terra Indígena destinada aos Guarani.

O inconformismo dos Guarani por não terem suas áreas demarcadas, pode ser observado no trecho de uma das falas de Seu Mariano, *xamõi* (ancião) do Tekoa Koenju, no qual aponta paradoxos da presença dos não-indígenas em São Miguel das Missões e o não reconhecimento do território Guarani:

[...] tem Guarani e nunca reconhece, né? É com isso que a gente tá preocupado. Hotel Guarani, chamava. Mas nunca alguma coisa doava para o Guarani. [...] E como, tipo... Tenonde, também essa é uma palavra sagrada. “Hotel Tenonde”. Para nós é uma palavra sagrada. Então tem que... A sociedade, o município tem que ajudar também, a conseguir mais alguma área. É isso que a gente precisa. Dar esse apoio também pra nós, a prefeitura aqui das Missões. [...] E também outra coisa, usavam nosso povo, eles dizem sete povos. Esses sete povos são antigamente. (...) Até agora estão usando os sete povos, publicando, e onde tá o dono do povo guarani, o dono dos sete povos? Está afastado dele. Está morando afastado, na beira da estrada. Nós precisamos de algum lugar pra nós viver mais pelo futuro das crianças, dos velinhos para viver com sua cultura, seus costumes, para rezar mais, para olhar mais na frente (Mariano).

Convém mencionar que, além de São Miguel das Missões, no município de Santo Ângelo também se encontra atualmente uma terra guarani não demarcada. Além desses, outros municípios da região missioneira, como Uruguaiana, São Francisco de Assis, São Borja, São Luiz Gonzaga e Caibaté ([Atlas Guarani, CTI, 2015](#)), abrigaram aldeias guarani até recentemente, cujos acessos estão interditados aos indígenas. Por serem áreas de seu relevante interesse, tanto pelas espécies nativas cuja existência é fundamental preservar, quanto por razões ligadas à memória e à cosmologia, os Guarani demandam seu reconhecimento como terra tradicional.

A ocupação tradicional Guarani Mbya na região missioneira está explicitada também nos premiados documentários: *Desterro Guarani* (2011) e *Tava - Casa de Pedra* (2012), de Patrícia Kerexu e Ariel Kuaray Poty que moram no Tekoa Ko'ëju; e, *Mokõi Tekoa Peteĩ Jeguata* – duas aldeias uma caminhada (2008), de Ariel Kuaray Poty, Jorge Morinico e Germano Benites.

No Tekoa Ko'ëju tem acontecido vários encontros sobre práticas artesanais, para intercâmbios de variedades de cultivos tradicionais, além de várias cerimônias e rituais realizados por xamãs desta e de outras aldeias. Muitas das atividades contaram com o apoio do CTI. Ko'ëju também sediou, em 2013, a Assembleia da Comissão Guarani Yvyrupa que contou com a presença maciça de representantes guarani de todos os estados das regiões Sul e Sudeste.

A partir de 2011 o CTI apoiou ações de enriquecimento e/ou recuperação de áreas degradadas nas quais foram plantadas sucessivamente e consorciadamente, de acordo com o sistema agroflorestal praticado pela comunidade, diversas espécies nativas. Em uma área específica de uso comum, num dos limites da Reserva Indígena foi realizado o plantio de mudas nativas escolhidas pela comunidade. A partir do cultivo de uma roça de *mandi'o* e *manduvi* foram cultivadas mudas de diferentes espécies florestais de usos rituais e medicinais dentre as quais destaca-se o *yary* (cedro; *Cedrela fissilis*), pouco presente na área, *pindo ete* (jerivá; *Syagrus romanzoffiana*) e *tajy* (ipê-roxo; *Handroanthus heptaphyllus*). Nas áreas de moradia, foram plantadas frutíferas *Citrus* e diversas nativas, roças de variedades de cultivos guarani, *ete* (verdadeiras) *avaxi* (milho), *kumanda* (feijão), *manduvi* (amendoim), *jety* (batata doce), *mandio* (mandioca), *anda'i* (abóbora) *xanjau* (melancia), *takua re'ẽ* (cana-de-açúcar), *pety* (fumo), etc. E, ainda, espécies florestais, como os *kurupika'y* (pau-leiteiro; *Sapium glandulosum*), *yvyra pëpë* (alecrim; *Holocalix balansae*), medicinais e as usadas para confecção de artesanato como o *kapi'i'a* (*Coix lacryma-jobi*).

Além destes cultivos, as famílias guarani reconhecem, em suas áreas de plantio no Tekoa Ko'ëju, as plantas que não foram por eles cultivadas, as quais seriam dádivas das divindades e, por isso, são muito valorizadas, assim como são as trilhas de animais ou os ninhos de pássaros erguidos sobre mudas plantadas. “A observação dos presentes de Nhanderu sobrepõe-se a um manejo intensivo de podas, replantios, etc., usualmente promovidas como técnicas agroflorestais, sendo que a experiência de Koenju ajuda a afirmar qualidades importantes da cosmo-ecologia Guarani, quando o manejo das plantas implica em um diálogo entre todos seres, incluindo os animais, as pessoas e os deuses”(COSSIO, 2015).

A realização de um etnomapeamento no Tekoa Ko'ëju, no âmbito do Projeto “Gestão ambiental e territorial em terras indígenas do povo guarani no sul e no sudeste do Brasil” deve-se à demanda guarani para se levar adiante os encaminhamentos para regularização dessa terra tradicional, à necessidade de acesso, utilização e conservação das áreas florestadas fora da Reserva de Inhacapetum - Mata São Lourenço, Esquina Ezequiel e Ca'aro - hoje sob o domínio de particulares e da Igreja. Soma-se a tudo isso, o interesse e da comunidade em dar continuidade aos plantios de espécies nativas ampliando as áreas em recomposição florestal e

garantir as áreas de roças de suas variedades agrícolas tradicionais fundamentais ao seu modo de vida.

No presente, se concentram no Tekoa Ko'ëju as moradias de cerca de 200 pessoas dispostas em 38 famílias, que abrigam também familiares de aldeias de diversas regiões em constantes visitas.

3. Atividades realizadas

As atividades de campo foram realizadas entre 15 e 22 de janeiro de 2017.

A comunidade guarani, de um modo geral, foi bem atuante e contou com a organização do cacique Aniceto e da liderança Pascoal e a orientação do *Xamõi* (ancião e liderança) Mariano Aguirre e das *jary'i* (anciã, *kunhã karai*) Elza Duarte, Elza Chamorro, Dona Ângela e Cipriana Almeida Ramirez. Luiz Eusébio, que veio com familiares do Tekoa Peguaoty (Vale do Ribeira, SP), acompanhou todo o processo repassando sua experiência. Duas cozinheiras comandaram o preparo da alimentação dos participantes.

Tendo em vista o curto período de campo, algumas atividades foram feitas simultaneamente.

3.1 – Reunião geral

- Apresentação dos participantes
- Conversas sobre o projeto, sobre questões políticas e legais relacionadas à gestão ambiental e territorial de Terras Indígenas e as finalidades e alcance do trabalho de mapeamento.
- Projeção do [Mapa Digital do Território Guarani \(CTI\)](#) com ênfase na região e no Tekoa Ko'ëju e entorno;
- Apresentação de imagens de satélite e fotos aéreas impressas da TI Inhacapetum e demais áreas de uso, como suporte para elaboração de mapas e desenhos, e de sugestões de formato para impressão do produto.
- Definição de cronograma das atividades, das equipes, das excursões e questões de logística.



3.2 – Levantamento das relações de parentesco

- A elaboração de genealogia dos atuais moradores da TI foi fundamental para se entender aspectos relacionados à história da ocupação guarani na região e no Tekoa Ko'ëju, identificando as famílias mais antigas e as mais recentes bem como a dinâmica das chefias, a mobilidade entre aldeias e questões relativas à demografia. Esses aspectos intervêm na

organização espacial das moradias e áreas de roças e permite observar quais os elos de parentesco criados com as demais aldeias de diversas regiões de *Yvyrupa* (superfície terrestre que sustenta os *tekoa* que compõem o território guarani). Por meio desse levantamento foi possível entrever a vigência de um sistema de trocas e intercâmbios (de saberes, rituais, serviços, visitas, espécies naturais, variedades agrícolas, entre outros) que deixam marcas na paisagem da aldeia e no manejo agroflorestral. As 38 famílias que habitam atualmente o Tekoa Ko'ëju possuem vínculos, detectados num levantamento ligeiro, com cerca de famílias de 16 aldeias situadas nos estados de Rio Grande do Sul, São Paulo, Espírito Santo e na província de Misiones na Argentina (Estrela Velha, Guarita, Estiva, Lomba do Pinheiro, Lami, Granja Vargas, Salto do Jacui, Tekoa Pyau, Peguaoty, Amba Porã, Tenonde Porã, Itaoca, Três Palmeiras, Pindoty, Kuña Piru, Tamandua). As visitas de parentes são constantes e reciclam as redes de trocas.

3.3 – Oficinas de mapeamento e desenho

Em papel vegetal sobre imagem de satélite e foto aérea da TI Inhapetum foram desenhadas coletivamente, por uma equipe de jovens, os núcleos familiares com as casas correspondentes, roças, vegetação, caminhos, rios no seu interior e adjacências.



Vegetação, cultivos e animais no Tekoa Ko'ëju e proximidades

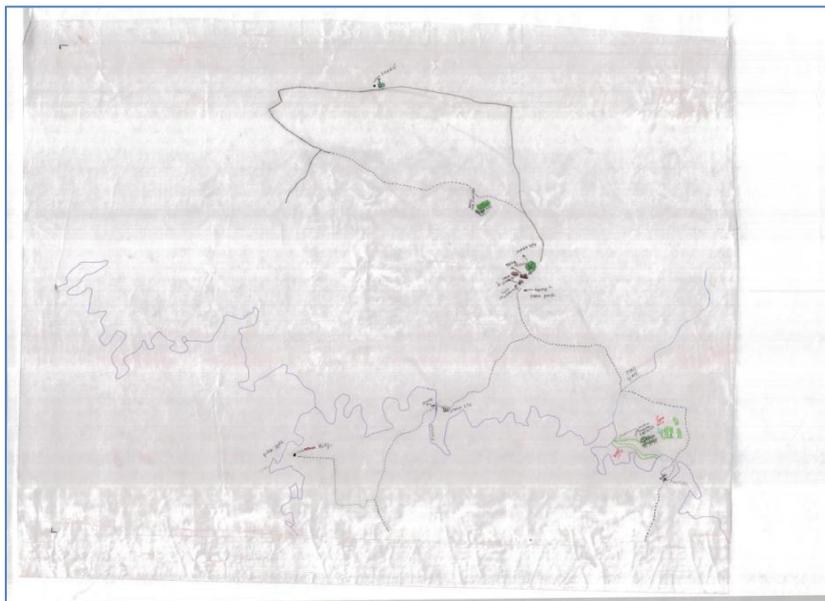


Detalhe: o espaço do Tekoa Ko'ëju com as moradias, áreas de roça e mata

Outra equipe, em papel vegetal sobre imagem de satélite incidindo na Mata São Lourenço, representou as áreas de mata com os animais, espécies vegetais encontradas e coletadas nas incursões que costumemente fazem.

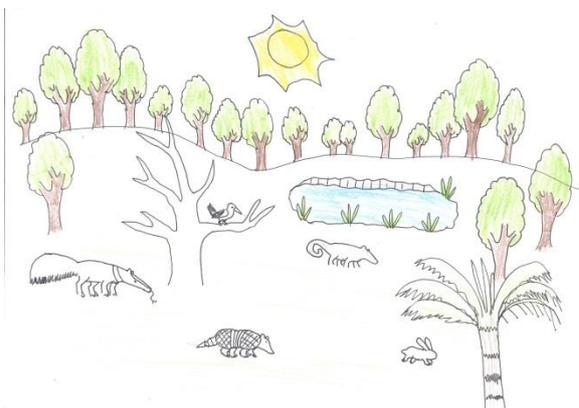
HPSC0470

Uma terceira equipe, também em papel vegetal sobre imagem de satélite contemplando as extensões da TI Inhapetum, do Parque Arqueológico São Miguel Arcanjo, Esquina Ezequiel, Mata São Lourenço e Ca'aro, mapeou os caminhos e os lugares que formam o complexo de áreas e florestas de relevante importância histórica e, sobretudo, indispensáveis para a manutenção de seu modo de vida, de seus conhecimentos e formas de manejo florestal.



Croquis: Rios e caminhos à Mata São Lourenço, Ca'aro, Esquina Ezequiel, Yakã Porã e lugares importantes para os Guarani na região de São Miguel das Missões

Durante três dias, além destes mapeamentos, crianças e jovens desenharam livremente áreas de moradia e as diversas espécies de animais e plantas que existem na região. Por meio desse exercício representaram sua concepção de bem viver no *tekoa*, apesar das atuais condições adversas no plano ambiental e territorial. Essa projeção dos jovens em relação ao que almejam para o presente e o futuro é extremamente positiva pois revela aspectos relativos à territorialidade guarani e contribui para definir o que priorizam face um eventual planejamento ambiental.



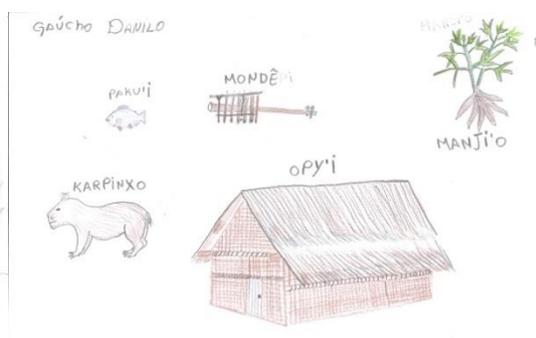
Yvyra (árvores), jervá (*pindo etei*) e animais em ko'ëju



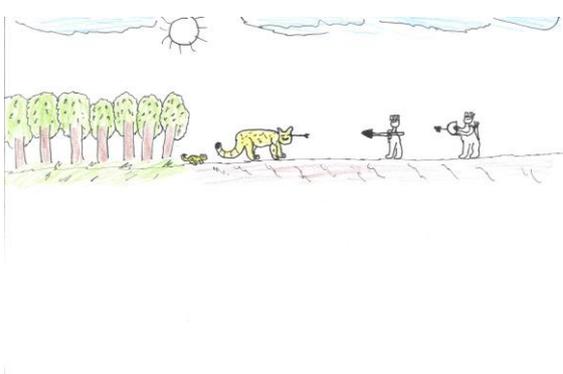
caminhos entre as residências



Roça de *avaxi etei* (milho guarani) e *xanjau* (melancia)



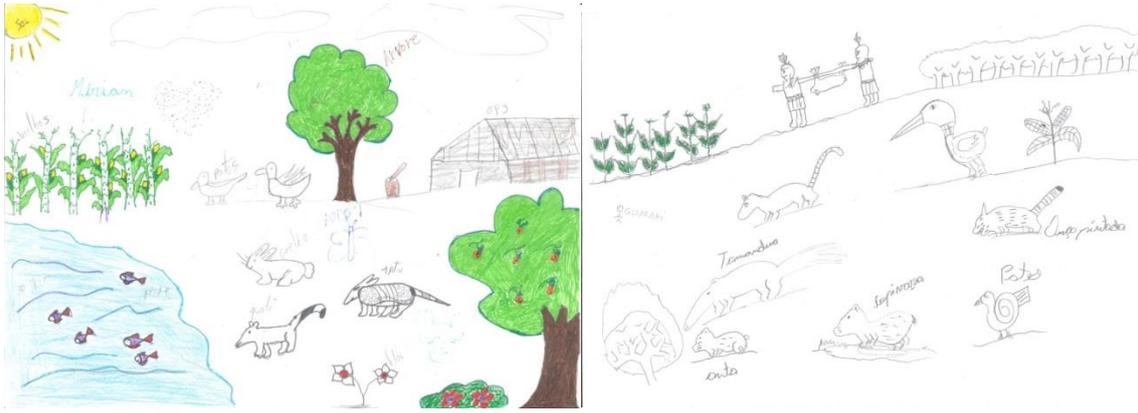
Opy (casa de rituais)



Caça com arco e flecha



Maino (colibri) na floresta



Tekoa porã



O Guarani no centro das criações da floresta



Os grupos de desenhistas essa atividade foram monitorados por um *xamõĩ* (ancião)

3.4 - Caminhadas e excursões

3.4.1 – A primeira excursão foi composta de caminhadas orientadas pelo *xamõ*i Mariano na TI Inhacapetum e arredores, nas áreas de reflorestamento, pomares, roças familiares, áreas de moradia e do Yakã Pytã (rio Inhacapetum) onde pescam, sobretudo no mês de março, com vara e pari. Os peixes mais abundantes são: *pirape* (grumatã), *piraju* (dourado), *piky* (lambari), *nhundia* (bagre), *tara'y* (traíra).



Caminhos percorridos para o etnomapeamento do Tekoa Ko'ëju



Yvaviju é uma das frutas nativas muito apreciadas pelas crianças e presente nas matas ciliares do rio Inhacapetum. Cabe registrar que a planta é regionalmente conhecida por *guabiju*, ou seja, uma evidente contribuição do conhecimento botânico Guarani à sociedade envolvente e que reforça a tradicionalidade guarani na relação com as florestas missioneiras



Vapytã, fruto do *pindo ete'i* e *yary* (cedro) duas espécies cultivadas pelos Guarani

Na caminhada com o cacique e jovens da aldeia em áreas de roça e reflorestamento foi feito um exercício de etnozoneamento da TI, identificando áreas para a restauração e expansão da mata nativa e para a horticultura tradicional.

Os Guarani encontram, nas matas do *tekoa*, espécies importantes para sua reprodução física e cultural. Destacam-se: frutíferas, como o *guavira* e o *yvavuju*; madeiras para construção de casas tradicionais, como o *yvyra ovy*; o *pekuru*, utilizado para cobertura das mesmas; lenha excelente, como o *guajayvi* e o *kurupa'y*; e, alguma variedade de “remédios do mato” (*poã*), entre uma ampla gama de outros seres com os quais se relacionam. Trata-se, todavia, de fragmentos florestais de mata ciliar em regeneração que, dentro da cosmo-ecologia Mbya Guarani, não representam o que se denomina *ka'aguy ete*, ou seja, as “matas verdadeiras”, onde o repertório de plantas medicinais, por exemplo, estaria completo. Ao pé de um tipo de *poã* que existe no Tekoa Ko'ëju, o *yvyra rapoju*, um jovem Guarani discorreu sobre o tema:

Yvyra rapoju... Na verdade falta muito [*poã*]. Tem algumas plantas medicinais que os Guarani conhecem, mas ainda falta muito. Tem muitas plantas que a gente usa como medicina. Algumas árvores, algumas cascas de árvores. Tem... Aqui também se encontra guiné, *pipi*. Tem muito por aqui. Tem *yvaro*... Mas ainda falta muitas (Ralf Vera Poty Ortega).

Ka'aguy ete é o que os Guarani encontram nos lugares que chamam Mata São Lourenço e Esquina Ezequiel. Com difícil acesso a esses grandes fragmentos com características de floresta clímax, ainda não reconhecidos oficialmente como parte da Terra Indígena, a comunidade de Ko'ëju lança mão de estratégias de restauração florestal para potencializar a regeneração e a expansão das matas da aldeia. Localizada junto à cerca que divide a aldeia de Ko'ëju dos vizinhos do Assentamento da Barra, há uma bela área de reflorestamento, uma faixa onde foram plantadas mudas nativas, que o pessoal chama às vezes de “plantio”, às vezes de “agrofloresta”. Para os Guarani Mbya, o plantio de mudas é chamado *yvyra ra'y nhenhoty*.

A experiência tem sido inspiradora e gera muita satisfação, sobretudo porque os animais já povoam as áreas de reflorestamento, como expressa abaixo a transcrição de uma fala feita em um local de plantio em área de reflorestamento:

Eu fico muito feliz, sempre venho pra olhar aqui... Venho olhar sempre aqui, e vi que já chegaram muitos tatus por aqui, assim, que já estão gostando de trabalhar na terra também. Já ajuda a dar uma trabalhada na terra, assim, preparar... Olha só aqui! Muito tatu veio pra cá depois que a gente reflorestou! Eu fico muito feliz! Parece que já é uma matinha, assim. [...] Muitas árvores frutíferas, muitos remédios, assim, que a gente usa. Por exemplo, esse aqui é o “çoita”, “çoita-cavalo”, né? A gente também tira

a casca dele pra fazer chá, pra tratar o gripe. [...] Foi uma experiência nova pra nós, mas eu pessoalmente gostei muito. Eu sempre gostei de plantar árvores, na verdade. Quando morava em Salto do Jacuí a gente plantava “cedrinho”, assim, tirava de um lugar e levava pra outro, pra colocar perto de casa, assim. Sempre achava muito importante a gente plantar mais árvores, assim: “pindó”... Lá em Salto do Jacuí tem muito “pindó”, assim, onde tinha eucalipto agora tem “pindó” porque os Guarani cortaram o eucalipto e tentaram plantar milho, batata, melancia, mas, só que nesse lugar que tinha eucalipto não dá muito bem a roça. E aí, nasceu pindó... Fica nascendo e agora já estão grande. [...] Eu penso muito, quanto mais a gente plantar vai ser melhor pro futuro, pras futuras gerações que vão vir aqui nessa aldeia. E vão crescer, vão chegar mais animais, vão chegar mais pássaros e vai ter mais frutas, e o ambiente vai ficar mais feliz, mais saudável. Pra todo mundo, não somente pra nós Guarani, mas pra todo mundo que vai chegar aqui. Pros animais, todo mundo. Vai melhorar o ambiente aqui. É isso que eu penso. Eu gostaria que todo mundo pensasse da mesma forma. Se preocupasse mais com o reflorestamento, assim, quer dizer, com o desmatamento. Pensar mais em reflorestar, não em desmatar. Porque, aqui também, era tipo... Não tinha nada, só capim mesmo que tinha quando os Guarani entraram. E embaixo das matas era tudo chão batido, assim, onde andava os gado, e agora estão nascendo novas plantas. Estão surgindo de novo, o pindó, que não tinha mais, estão nascendo de novo. Não sei como, mas eles nascem de novo. Se a gente deixar quieto assim, eles nascem de novo. Porque os Guarani não têm esse costume de tirar muitas árvores, assim, fazer uma roça em grande quantidade. Eles só plantam o que são necessários pra se alimentar, alimentar a família e é isso: vai sobrar mais terra pra outra família plantar e é assim, só o necessário. Os brancos não, eles plantam em quantidade enorme assim, não sei. Não são pra eles! Não sei, pra vender, pros gados, não sei. (Suspiro) Bah, cara, isso é muito triste... Pra mim, eu pensando, não tem lógica nenhuma isso, não tem fundamento isso. Parece que não pensam em futuras gerações que vão querer respirar ar puro, mais puro, assim, mais saudável... Vamos caminhar mais pra lá? (Ralf Vera Poty Ortega)



Vera'i na sombra do ipê na área de plantio

Pindo desenvolvido à sombra de bracatingas

Uma espécie introduzida para a restauração florestal, a bracatinga (*Mimosa scabrella*), que os Mbya chamam *eiru rembiu*, observa-se muito importante para o sucesso da intervenção, como explica o depoimento transcrito abaixo:

Esse aqui [a bracatinga] ajudou muito pra que esse aqui [muda de outra espécie] crescesse mais rápido, assim, porque dá sombra, protege de frio e é muito bom. Eu gostei muito dessa árvore aqui, bracatinga. Ela ajuda bastante a própria natureza se desenvolverem mais rápido, assim. Por isso que eu penso em plantar lá nas beiras

daquelas matinha, ali, perto de rio, pra eles poderem avançar mais rápido pra fora, assim (Ralf Vera Poty Ortega).

Outras espécies que se destacaram no plantio estão em uma pequena área da aldeia, localizada junto à “paradinha” (de ônibus), também nos limites da área de uso exclusivo Guarani. São elas o timbó (*yvyra pongue*), o açoita-cavalo (*yxonguy*) e a aroeira-vermelha (*yryvaija rembiu*).



Plantio da “paradinha” ou “Nascente 1”. Espécies pioneiras como o *yvyra pongue*, *yxonguy* e *yryvaija rembiu*, com plantio adensado de mudas, se desenvolveram muito bem e começam a sombrear e controlar o capim

Observa-se que o trabalho Guarani de reflorestamento não segue a linha de manejos intensivos, com manejo de poda, por exemplo. Parece ser uma ação mais contemplativa ou investigativa, ou seja, a comunidade da aldeia se deixa surpreender observando como se comporta o fluxo ecossistêmico natural a partir de plantios mais ou menos pontuais. No entanto, nessa relação com outros seres, plantas e animais, há também uma dimensão prática, por exemplo, no que concerne aos materiais utilizados para o artesanato, uma das principais fontes de renda das famílias. Atendendo essa demanda, o cultivo de espécies de taquara também acompanha a faixa de reflorestamento.



1. Touceiras totalmente estabelecidas do *takua ovy* (*Bambusa* sp.) plantado já fornecem sombra para o técnico do CTI e o cacique
2. Seu Mariano em local de plantio de *takua ete'i* na sombra da mata da Tekoa Ko'ëju. As estacas foram trazidas de um fragmento de mata próximo ao rio Piratini

O cacique Aniceto discorre sobre as taquaras - e seu cultivo - em depoimento transcrito abaixo:

Takua ovy, que dá pra fazer artesanato, né? Balainho... Só que... Não é qualquer taquara, né? Tem que escolher bem pra fazer. Tipo assim já não dá mais, pra fazer balainho. Esse aqui vale só pra fazer arco e flecha, que também dá. Tem que ser bem... Esse aqui é amarelo, ó. Tem que ser azul. Tem gente que faz colar também, de artesanato. [...] A gente ainda tem buscado de outro lugar [porque as plantadas ainda estão crescendo]. Lá na Vila Seca também tem. Às vezes pegamos de lá, no estradão. Às vezes pegamos de São Miguel também, no Ygua Porã [Fonte]. [...] A gente tava pensando pra plantar mais. Tipo esse aqui e *takua ete'i*, também, aquele outro. Só que não nasce muito, *takua ete'i*. Tem que escolher lugar. [...] Lá no Piratini tem *takua ete'i*. E lá do outro lado do rio também tem, *takua ete'i*. Lá na fazenda. [Não é na "ilha"] Ali tem só daquele *pekuru*, taquara-braba, né? *Takua ete'i* não é na beira no rio, tem que ser na mata mesmo (Aniceto).

O cultivo do *takua ovy* tem dado certo e a comunidade agora desafia-se a cultivar o *takua ete'i* (taquara-mansa; *Merostachys* sp.), espécie encontrada também no *ka'aguy ete* da Esquina Ezequiel e da Mata São Lourenço.

O manejo florestal com maior foco no plantio em relação à coleta é um desafio atual para os Guarani, frente às dificuldades de acesso às matas maduras. O tremendo passivo em relação aos processos administrativos de identificação e delimitação dos territórios tradicionais também agrega dificuldades a uma dimensão que é de total domínio dos Guarani Mbya, a horticultura. Neste contexto, o Tekoa Ko'ëju, apesar da sua pequena área, aparece como um lugar muito importante para a conservação da agrobiodiversidade. Um significativo exemplo disso é a presença de uma variedade de milho Guarani, *avaxi ete'i*, chamada *avaxi yvy'i* ou *avaxi karape'i*, como explica o cacique Aniceto:

Esse aí é muito importante também pro Guarani. Pra fazer *mbojape*, que ganha nome do Guarani, né? Tem que levar na *opy* e já, lá ele ganha nome. Fala: Yva, Jachuka... Por isso é muito importante. [...] É porque ele leva três meses, assim, pra já tá pronto. Daí já, no janeiro, assim, já começa a levar na *opy*. [...]. Aquele outro *avaxi*, do *jurua*, é só pra comer, né? Só pra comer, não é como *avaxi ete'i*. [Mas] Dá pra fazer *mbojape*, também, *mbyta*... (Aniceto).

Diversas outras plantas compõem o repertório agrícola Mbya. Para cultivar e ter acesso às variedades as famílias lançam mão de várias estratégias, como exemplificam os relatos transcritos abaixo:

Ela [Dona Toríbia, a mãe] e minha irmã plantam junto, assim, no geral. Tem *avaxi*, *xanjau*, *mandi'ó*, *manduvi*... Tem *avaxi ete'i*, tem *avaxi jurua* ["milho não-indígena"], também, misturado. [Avaxi ete'i] tinha um pouco guardado, e tinha um pouco pegado de outro lugar também. Só que sabemos pegar lá na Argentina. Lá tem. Porque aqui no Brasil ninguém tem né, aquele, *avaxi ete'i*. Lá no Kunhã Piru, lá tem. Tem *avaxi karape*, baixinho, né? Aquele já é diferente. *Avaxi ju*, já é mais alto, né? *Avaxi karape* leva 3 meses pra já tá pronto. *Avaxi ete'i*. Tem *kumanda* também: feijão. Só que é um feijão do Guarani, não é daquele do *jurua*. A minha mãe sempre guardou semente do *kumanda*. Sempre tem. É *kavara*, assim, tipo pintado. Chama também *kumanda kavara*. [...]. Cana... *Takua re'ẽ* do Guarani, não é como outro, do *jurua*. Do *jurua* é bem diferente. Esse é *takua re'ẽ avaxi*. A minha mãe também guardou um pouco, mas ela pegou lá de Argentina também, Kunhã Piru. Só que daí tem que cuidar e guardar também, né? Desse aqui também tem que guardar aquela semente ali, porque, se não, termina, né? Era pra crescer mais, só que daí chegou *vaka* do *jurua* (gado): comeram tudo! E agora tá brotando de novo... Comeram um pouco *avaxi* também. [...] Aquele é *avaxi ete'i* também, só que mais daquele amarelo, né? É, *avaxi ju*... *Avaxi para*, tipo, parece vermelho, preto... A cor mistura (Aniceto).

As roças são essencialmente familiares, para consumo, e as mesmas práticas e dinâmicas se reproduzem em cada lar, como ilustra esta outra fala transcrita abaixo:

Feijão caipira produziu. *Kumanda xã'i* chamam os Guarani. Feijão cateto... Desses aqui, eu ganhei do meu cunhado, que ela trouxe lá de San Ignacio. Foi ela que me deu um pouquinho de semente. Aí vim plantando... *Jety* tem de várias cores de batata. Daquele de folha vermelhinha, eu trouxe lá da Argentina, quando fui pra lá, ano retrasado. Eu fui na aldeia *Yakã Miri*, lá perto do Salto Moconá. O salto do Uruguai, no meio do mato. Daí eu trouxe de lá aquelas batatinhas de folha vermelha: *jety mandi'ó*. Daí essas aqui, de folha mais grossa, essa aqui eu arrumei de um cara, ali perto, do Pessegueiro, aqui do assentamento. E aquela folha mais miudinha, aquela lá eu mandei trazer pra minha mãe lá de Santa Maria também. Mas aquela batata é a mais boa de tudo que tem. A casquinha é bem tipo um rosa, vermelhinho, assim (Hélio).





D. Elza colhendo *avaxi etei* (milho) e *xanjau* (melancia)



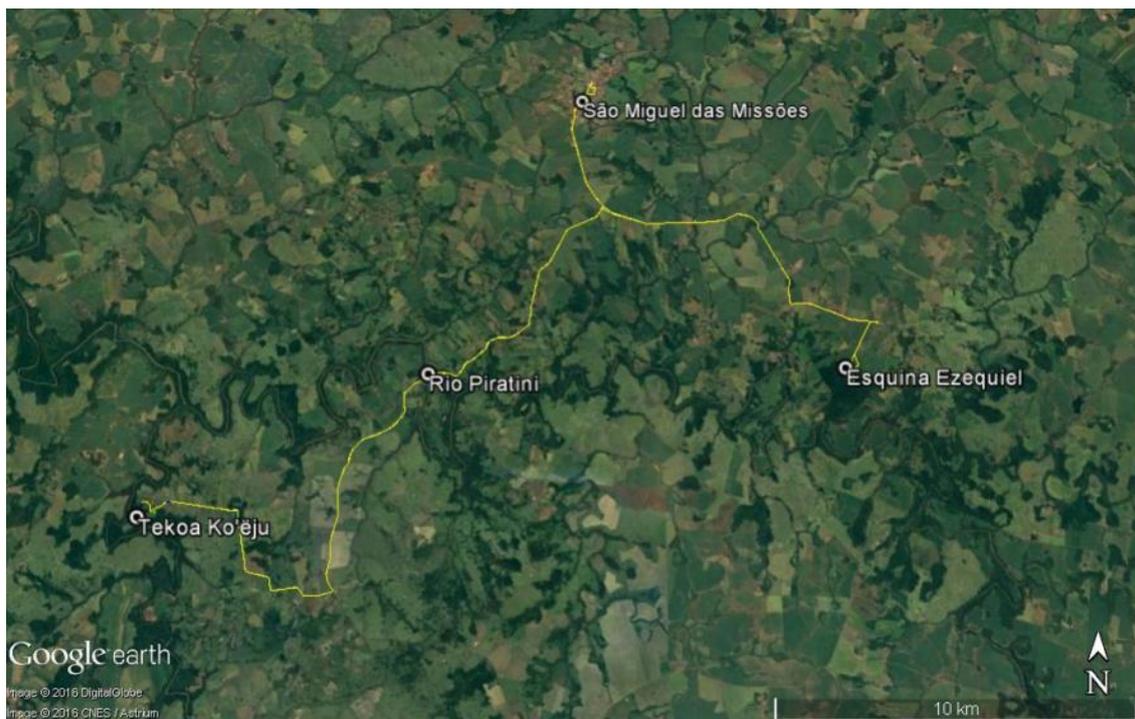
Roça em área de moradia



Roça de *avaxi etei*

No Tekoa Ko'ëju percorremos matas em regeneração (*ka'aguy karape*), áreas de reflorestamento e roças. Para os levantamentos em áreas de *ka'aguy ete*, florestas com características primárias, não contíguas à TI Inhacapetum, foi necessário acionar transporte para deslocamentos das equipes do CTI e da comunidade.

3.4.2 - A segunda excursão, da qual participaram cerca de 20 pessoas, foi nas matas da “Esquina Ezequiel”, propriedade particular nomeada recentemente Amba Mirim pelo *xamõi* de Ko'ëju. No caminho, passamos o rio Piratini (rio Piratĩ, rio onde há bagre, peixe branco - também me relataram que há um peixe, provavelmente uma espécie de arraia de água-doce, que chamam *piraxini*), atravessamos o rio que denominam *Pikypery*, lugar de pesca onde há grande quantidade de lambari e, margeando a mata, um pequeno córrego de água pura, batizado de *Xyry mirim*, por suas águas correrem docemente e ser ideal para as crianças brincarem, é também referência de parada e descanso. Apontaram que “tudo era caminho dos índios”, que já moraram lá antigamente, que havia lugar de plantação, e mostraram o bom lugar, “sagrado”, para a construção da *opy* (casa de rituais), de onde veio o nome *amba mirim*. Várias espécies de uso guarani se encontram nesse lugar de coleta. A fruta *aguai*, é reverenciada pois “quando Nhanderu (nosso pai, divindade) quando fez a terra já colocou *aguai* para alimentar e para proteger”. Esta área, de cerca de 600 hectares, está cercada de grandes extensões de soja que é preciso atravessar para se chegar à mata.



Caminho percorrido na excursão às matas da Esquina Ezequiel



Registro da chegada por Vera



Caminho - da soja à mata

No *ka'aguy ete* da Esquina Ezequiel, os Mbya destacaram a presença de espécies vegetais que ajudam a caracterizar estas matas como tal (“verdadeiras”): algumas de lianas como o *yxyo reakua*, de uso medicinal, e o *ximbo*, utilizado como veneno de peixe³; árvores que fornecem material para artesanato, como o *nhandyta*, o *aguai*, o *kurupika'y* e o *yvyra petai*; diferentes espécies de taquaras, como o *takua ete'i*, *takuari* e o *pekuru*, de usos diversos; grandes árvores com importância ritualística e uso medicinal, como o *yary*, e o *parapara'y*; arvoretas e arbustos medicinais como o *yvyra karai*, o *pyno* e o *nhaorandy*; singelas orquídeas de uso medicinal como o *akuti po'i* e a palmeira por excelência dos Mbya Guarani que é o *pindo*.



Coleta, em Amba Mirim, de plantas medicinais e madeiras para artesanatos

3.4.3 - A terceira excursão, rumo à Mata São Lourenço e Ca'aro, foi feita em um ônibus escolar emprestado pela Secretaria Municipal de Educação, e contou com cerca de 35 pessoas com grande participação de jovens.

³ “*Nhanhomboro pira!*” - a convocação para “matar peixe”, relatam os jovens Mbya, é algo que gera imensa alegria. Um tipo de atividade tradicional para a qual a Esquina Ezequiel reúne os elementos e as condições perfeitas.



Caminho percorrido na excursão à Mata São Lourenço e Caaró.

A Mata São Lourenço é um mosaico de propriedades particulares de cerca de 2 mil hectares, onde para se chegar também é preciso atravessar enormes áreas de soja



O acesso dos Guarani à Mata São Lourenço por extensos campos de soja

Conforme observa o *xamõĩ*:

A soja não é boa para nós, porque os produtores da soja trouxeram mais intoxicação, destroem a natureza, está contaminando nossa terra, mata até passarinho, bichinho do mato, eles pegam intoxicação e acabam morrendo, isso nós não queremos que aconteça. Eles jogam muito veneno, usam muito veneno. Daí que nós algumas vezes encontramos pássaros mortos, pombas mortas, e ainda querem fazer algum exame, porque querem fazer o exame de alguma morte do passarinho, de algum bicho? Eles que estão matando....

No seu interior, os jovens identificavam na imagem de satélite os caminhos e principais locais de coleta na mata. Os mais velhos iam mostrando as plantas e explicando aos jovens e à

equipe do CTI suas qualidades. Em momentos de parada, as *jaryi* e *xamõi* discursaram e ensinaram mirando especialmente os jovens.



Localizando pontos de coleta e caminhos em imagem da Mata São Lourenço

Entre as espécies vegetais que chamaram a atenção dos mais velhos, aparecem tanto árvores como o *yvyra pepẽ* (alecrim) que, como explica Seu Mariano, já “tem alguma” nas matas do Rio Inhacapetum junto à aldeia, como aquelas plantas que praticamente faltam, a exemplo do *nhandyta* (sincho), madeira ideal para fazer as tampas de um tipo de *ajaka*. Dentre as grandes árvores que caracterizam o *ka’aguy ete*, como o *yary* (cedro) e o *tajy* (ipê-roxo), é abundante na Mata São Lourenço a grápia, chamada *yvyra perẽ*, espécie muito valorizada como confirma a fala do *xamói* transcrita abaixo:

É importante! Porque a gente usa pra afastar a maldade. Segredo. Fazer a fumaça na casa e daí... Parece como fumo. [...] [Seu Emílio compartilha informação sobre o uso medicinal para “colesterol de gordura”] O cerne também usamos para isso também [remédio, chá], para alguma criançinha... (Seu Mariano, Mata São Lourenço).



Seu Luiz discursa na mata São Lourenço

Plantas importantes para o artesanato destacadas e coletadas pelos Guarani na Mata São Lourenço são o *aguai*, o *güembe* e o *takua ete’i*. Pequenas plantas de uso medicinal, encontradas no estrato herbáceo apenas de florestas maduras, como o *ka’i aro* e o *yvy’a’i*

(uma espécie de orquídea terrícola), pequenas epífitas como o *jatevu ka'a* e as lianas chamadas *guaxu pyxa* e *yxyo yvaro* também chamaram a atenção, sobretudo das mulheres.

Outro lugar visitado nesta mesma excursão foi Ca'aro, onde havia uma aldeia e onde, segundo explicação de um *xamõ*, secavam e guardavam a erva mate, erva amarga, de onde provém o nome Ca'aro. Nesse pequeno, mas não menos lindo, fragmento florestal, aparecem as espécies vegetais encontradas nas outras grandes matas, destacando-se também a presença do *guatambu*, uma grande árvore, e o *guaporoity* uma das frutíferas nativas mais apreciadas pelos Guarani.



O desafio mais significativo para os Guarani, visível também no âmbito do etnomapeamento, é a descontinuidade das áreas de uso tradicional, cercadas por vastas extensões de soja transgênica e outras monoculturas regadas com agrotóxicos. Esses fragmentos são, entretanto, riquíssimos em biodiversidade e neles reconhecem formações florestais, herança de ocupações remotas e recentes de famílias guarani. Como obter o reconhecimento de seus direitos territoriais e a regularização desses espaços, antes contíguos, e hoje cada vez mais diminutos, que afirmam como terra de ocupação tradicional é o maior dilema que enfrentam.

O branco sempre está fazendo desmatamento da terra. Onde pode plantar soja, aí eles não param mais. Por isso a gente está preocupado porque se esperar, eles vão desmatar tudo e não vai sobrar um pedacinho de mata, nós não podemos esperar. Diminuiu muito a mata, onde nós estávamos (na Mata São Lourenço), em 2003, por aí, quando cheguei lá, estava a máquina desmatando, lá na outra ponta. Lá está diminuindo muito a mata [...].

3.5 - Entrevistas e depoimentos

Durante o período de trabalho foram registradas em áudio e em vídeo por Alexandre Wera entrevistas e depoimentos relativos à história da presença guarani na região, aos locais de aldeias pré-existentes, aos conhecimentos sobre espécies nativas, animais, plantações, etc. Muitos foram gravados em guarani, e posteriormente traduzidos.



Wera grava depoimento na Esquina Ezequiel

Indicando o local de antiga aldeia em Ca'aro

3.6 – Registros fotográficos e audiovisuais

Além da equipe do CTI, jovens da comunidade documentaram o trabalho em suas diversas etapas.

3.7 – Avaliação

Embora momentos de avaliação mais restritos tenham ocorrido durante o processo, no último dia foi feita uma avaliação geral do trabalho, dos alcances e efeitos que essa experiência poderia gerar. A reunião entre os participantes do Tekoa Ko'ëju perdurou para além da saída da equipe do CTI. A proposta de elaboração de um material impresso para veicular na região, nas instâncias governamentais e entre os parceiros foi bem-vinda na medida em que poderia contribuir para o reconhecimento de suas terras de ocupação tradicional.

Os mais velhos, sobretudo as mulheres, aproveitaram o momento para falar aos jovens da importância de aprender sobre sua história, sobre os costumes e as práticas mais antigas relativas aos animais e aos usos das plantas, e de participar dos plantios e rituais. Acreditaram que o trabalho tenha despertado nos jovens maior interesse e motivação. Ainda assim, disseram que se houvesse mais tempo e disponibilidade da comunidade e da equipe, poderia haver maior participação.



Jovem grava as palavras das *xé jaryi* sobre o trabalho desenvolvido



Crianças assistem pela janela do local de reunião

Falaram ainda da necessidade de continuarem lutando pela terra que precisam para viver conforme seus usos, costumes e tradições e que o mapeamento poderia contribuir para isso, pois precisam mostrar à sociedade *jurua* (não indígena) que possuem conhecimentos e direitos.

Primeiramente queria dizer que o pessoal, o *xeramõi* espera, porque eles estão esperando a demarcação da terra, da Esquina Ezequiel, da Mata São Lourenço. Nós queremos a demarcação para poder sobreviver, porque lá tem remédio tradicional, porque nessa área Inhacapetum não tem aqueles remédios que nos precisamos, e lá na Mata São Lourenço tem remédio pra gripe, dor de cabeça, chás, e não é só isso que a gente precisa, tem também material pra artesanato e pra fazer casa, pra fazer *opy*. Nós queremos pra poder sobreviver, pra plantar, pra consumo, é isso que nós precisamos. Faz muito tempo que estamos esperando, mas o governo não quer ajudar os Guarani, eles falam só assim: para que, porque índio quer mais área? Mas nós sabemos o que é importante, não é pra ter dinheiro, é importante pelo que tem no mato, porque no mato tem o que é o mais importante e que vale mais que ouro. A mata, tem remédio, é isso que nos precisamos agora. É muito diferente de remédio de *jurua*. *kyringue* não pode tomar remédio de *jurua*, tem que tomar remédio tradicional que nós temos. É isso que nós precisamos agora (Cacique Aniceto).

